

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: incluindo o Suplemento semanal,  
Lisboa, 950\$; Província, 3 meses 200\$;  
Africa Portuguesa, 6 meses 700\$; Estrangeiro,  
6 meses 1100\$.

# A BATALHA

Impressão, Administração e Tipografia  
CALCADA DO COMRO, 38-A, 1.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 5339 CENTRAL  
Cálculos de Impressão e "Atenção" 4  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras.  
Não se devolvem os originais.—Os artigos  
publicados são responsabilidade dos autores.

DOMINGO, 8 DE FEVEREIRO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1904

## Todos, hoje, às 15 horas, ao comício no Terreiro do Paço

### Contra a atitude e planos da alta finança e demais oligarquias dominantes

## FERAS!

Assim apelidaram os burgueses, nas proximidades da manifestação popular, os que nela iriam tomar parte. Para que as feras não andassem à solta, não faltou quem insinuasse ao governo, como medida utilíssima para a tranquilidade pública, a proibição da manifestação. Também se espalhou com insistência o boato de que essa manifestação tinha como objectivo o assalto aos armazéns e às casas particulares, não faltando elementos provocadores dispostos a encaminhá-la para isso, com o fim de a inutilizarem.

Contudo, realizada a manifestação, verifica-se que, pelo contrário, ela foi uma demonstração ordeira de solidariedade operária, e a mais clara afirmação da aspiração da população, da defesa dos seus direitos. As feras portaram-se como inocentes cordeiros. Atravessaram a Baixa, serenamente, e serenamente testemunharam perante o governo o seu desejo de que justiça lhes fosse feita.

Nem um vidro partido! Nem uma simples pedrada! E, tendo-se tentado estragar a manifestação, nem assim a multidão se deixou arrastar pela paixão indo até ao extremo de fazer justiça por suas mãos contra os que a têm vilmente explorado.

Não, as feras não são essas! E podiam bem sê-lo, tantos rancores têm os burgueses procurado acumular na alma do povo. Miseravelmente explorados, escravizados, se se mostrassem feras estavam perfeitamente justificados. Bastaria entrar no lar dum operário, ver a miséria que por lá vai, a desgraçada situação das crianças rötas e esmorecidas, para se compreender imediatamente que a revolta podia bem levar toda essa gente a assumir uma atitude de verdadeira ferocidade. E é mesmo por isso, que não pelo que eles fazem, que a burguesia esperava que eles se comportassem como verdadeiras feras.

Mas não, as verdadeiras feras são os outros, os que vivem à custa da exploração dos trabalhadores. Todos os que acumulam riquezas à custa da miséria dos outros, os que vivem à tripa fórra enquanto a percentagem da tuberculose aumenta todos os anos por deficiência de alimentação e excesso de trabalho, esses é que são as verdadeiras feras.

Feras sois vós, burgueses imundos, carrascos do povo trabalhador, de que vós fizestes a vossa vítima imbecile, e contra o qual inventastes a engrenagem do Estado, a pressão da autoridade, a organização da polícia e da guarda pretoriana. Feras sois vós, que falsificais os géneros, para aumentardes os vossos proventos, contribuindo assim para contaminar a saúde pública, enfraquecer a raça, a raça a que vós entoais tantos hinos laudatórios e patrióticos. Feras sois vós que, como chacais, sugais o nosso próprio sangue.

Repelimos o epíteto que nos lançais para vo-lo devolver intacto, porque vós e só vós é que o merecides.

### O operariado perante o protesto dos comerciantes

Por respeito aos princípios invioláveis da liberdade de associação, e nunca por consideração para com os atingidos, já declaramos publicamente discordar das determinações do governo que tiveram como consequência a dissolução da Associação Comercial.

Achamos, portanto, lógica e humana a defesa da classe alvejada. Se os comerciantes, em sinal de protesto, encerrarem os estabelecimentos durante o dia de segunda-feira, ou se—conforme outra versão que corre—apenas puzerem os tapais nas suas portas, nada tem que ver o operariado com essa manifestação. Se, porém, o protesto dos comerciantes lesar duma maneira sensível o público ou prejudicar os seus empregados,—visto que também se fala já "lock-out"—terá então o proletariado de defender-se com energia.

Aguarde, pois, o povo trabalhador com serenidade os acontecimentos para proceder conforme eles determinarem.

## Tribunal dos Acidentes de Trabalho

### A odisseia dos sinistrados

Não! Não nos pode sair da cabeça, do coração este número terrível: perto de 8.000 operários por ano, vítimas de desastres no trabalho!

E assistência? Como está organizada a assistência aos trabalhadores em risco de se ferirem, em perigo de morrer, e depois de feridos, como são tratados, como são protegidos?

E logo ao iniciar o meu inquérito recolho este pormenor tremendo, eloquente, que faz gelar todo o comentário.

José Ferreira Morgado, operário ao serviço da Empresa Taurinâmica Arrudense. O seu nome aparece num processo instaurado pelo Tribunal dos Acidentes de Trabalho, com a data de 19 de Novembro de 1923. A história deste homem é uma odisseia de martírio agudíssimo. Nos trabalhos de edificação da Praça de Touros em Arruda dos Vinhos, uma explosão de dinamite leva-lhe os olhos. Cego por completo, horrivelmente desfigurado, ele tem uma esperança na lei dos acidentes do trabalho, e confiantemente começa, como pode dando as suas vontades para que a mercê da assistência lhe seja dada. O tribunal intervém, e no julgamento a Empresa é condenada ao pagamento da pensão expressa na lei.

O desgraçado confia, mas a Empresa não paga.

O tribunal emprega todos os meios para a aplicação da sentença, e João Ferreira Morgado espera, espera sempre... Há dois anos que espera. O tribunal manda cartas precatórias, intenta, como é da lei, a penhora aos valores da Empresa, e a Empresa não paga.

O juiz de paz da localidade, chamado a intervir, nada consegue, e a pobre vítima espera, espera sempre... A desgraça torna-o confiante e resistente. Cego, miserável, atira-se a pedir esmola, e confia sempre na justiça que se lhe deve e no dinheiro que se lhe não paga.

E aqui é horrível, arrepiante o pormenor que fecha esta odisseia trágica.

De tempos a tempos, o desgraçado João Ferreira Morgado vem a pé, de Arruda dos Vinhos, inquirir do tribunal o que há, sobre a sua justíssima pretensão!

### Pensões de seis vintens por dia

Aqui, no caso de Arruda dos Vinhos, a lei não se cumpriu.

O tribunal interveio, recorreu a todos os meios, até à penhora, e o resultado foi inútil. Nos casos em que a lei se cumpre, apontam-se, colhem-se à farta episódios de uma irritação afrontosa, reveladoras da necessidade de encargar com a máxima urgência a situação dos operários quando vítimas do trabalho. Há sinistrados, que recorrem ao tribunal, invocando os seus direitos à pensão por incapacidade de trabalho, contraída em desastre.

A pensão, proporcional ao salário, é ao

mesmo tempo estacionária, fixa. Assim há operários que estão actualmente "vivendo" com a pensão de seis vintens diários, porque é esta quantia, o resultado da proporção sobre o salário, a data do sinistro.

Isto em Lisboa, onde a acção do tribunal é mais eficaz, mais vigilante.

E na província?

### Sinistrados na província

Na província é um pavor. Não há defesa possível. E' lógico pensar que, para evitar atrições, demoras burocráticas, resultantes da distância a que muitos centros fabris se encontram do Tribunal dos Acidentes de Trabalho em Lisboa, várias delegações desse tribunal atendessem as reclamações dos sinistrados. Esta subdivisão é tão necessária, de tal modo se impunha a sua criação, que os funcionários de boa vontade que estão à frente do tribunal de Lisboa, inauguram um outro tribunal na Covilhã. Pois o tribunal não funciona. Por falta de sinistrados? Não! Por falta de vogais. Sinistrados infelizmente nunca faltam onde quer que se trabalhe, e muito menos num grande centro fabril como é a Covilhã. Pois não há tribunal porque os vogais são perseguidos, porque nenhum operário está disposto a ocupar um posto de sacrifício, que vai até às aflições do desemprego.

Os vogais operários que neste tribunal representam a instituição do jurado não podem defender os seus companheiros feridos no trabalho, e reclamar para eles as pensões, a que têm direito, porque a pressão dos industriais é enorme e coloca-os na contingência de não encontrarem trabalho em parte alguma. Deste modo, por falta de vogais, o tribunal com tanto entusiasmo inaugurado, está completamente abandonado, e o sinistrado sem defesa.

Este é um dos meios do patronato fugir ao cumprimento da lei; mas eles têm ainda outro recurso em que a própria lei os favorece. A lei não institui o seguro obrigatório. Esta deficiência da lei dá margens a situações terríveis para os sinistrados, como esta:

Um operário inutiliza-se no trabalho. Corrido o processo, o patrão é obrigado por sentença, expresso na lei, ao pagamento da pensão proporcional ao salário. Quando o patrão não quer pagar, o tribunal, apoiado sempre na lei, recorre à penhora, para que os valores assim retirados garantam o pagamento da pensão estipulada.

O pior é que há industriais que não podem ser penhorados. Há industriais que não têm valores que garantam o pagamento da pensão. Como fazer cumprir a lei?

E' evidente que se houvesse o seguro obrigatório, quem garantia o pagamento era a companhia seguradora. Assim o tribunal não pode, e o número de vítimas que reclamam inutilmente constitui uma verdadeira legião de mutilados e desiludidos...

## Uma insinuação injusta

Insinuava anteontem a "Tarde" que a Batalha formulou um protesto muito pálido, muito tímido acerca do encerramento da Associação Comercial. Essa insinuação visava a demonstrar que nós protestamos mal disfarçando um íntimo regosio pela medida do governo.

Nenhum regosio temos sempre que a liberdade de reunião, que nós é tão cara, seja atingida. O que a "Tarde" nunca podia encontrar no nosso protesto era um clamor e uma indignação injustificados. O governo procedeu dentro da lógica: a Associação Comercial rebelou-se contra os poderes constituídos e estes procederam como em igualdade de circunstâncias o têm feito com as associações operárias quando estas se colocam contra as violências oficiais. Se, imitando o exemplo de todos os governos, este entendesse que só as associações operárias é deviam ser encerradas é que se colocaria fora da lógica.

O nosso protesto demonstra apenas que nós não reconhecemos aos governos o direito de atentar contra a liberdade de associação e a vontade, o pensamento e a acção colectiva que ela representa. E para admirar é que se coloquem fora da lei as entidades comerciais que defendem a existência desta sociedade, dos poderes que a mantêm e dos códigos que a orientam. Nós, que desejamos uma sociedade diferente e melhor do que esta estamos na lógica quando nos rebelamos contra ela. Agora os que defendem a legalidade não reparam que o seu procedimento desacredita e ataca a sociedade que defende e mantem os seus privilégios. O governo metendo-nos na ordem, na ordem burguesa que eles burgueses quiseram fazer perigar, salvou-os, defendendo uma sociedade que, se desaparecesse, os arrastava numa queda irreversível como classe.

A "Tarde", numa obsecção quase idêntica à dos defensores da lei que se revoltam contra a lei, talvez não tivesse ainda notado isso.

### A nacionalização das minas inglesas

Shinwell, antigo ministro das minas, declarou que no interesse bem compreendido da Inglaterra seria conveniente nacionalizar as minas, pagando uma certa compensação aos proprietários. Segundo Shinwell, se esta medida fosse posta em execução, não custaria ao país mais do que 60 milhões de libras esterlinas.

## Os excessos da força pública

### Gostariamos que os soldados da G. N. R. não fossem castigados

A propósito do incidente produzido pelo encontro da manifestação de anteontem com os soldados da G. N. R. ser-nos há grato que esses soldados não fossem castigados.

Não é impensável que expendemos esta opinião. Não se tratou nem de um acto de cobardia como o de um polícia que espanca uma mulher ou de uma criança ou de dois ou três polícias que espancam um homem só, nem tão pouco de um crime friamente premeditado como o do fuzilamento dos Olivais.

Foi uma precipitação de soldados amedrontados que, segundo declarou no hospital o próprio sargento da guarda que quiz contê-los, se equivocaram com as intenções do povo e quiseram dispersá-lo.

Tão pouco se pode pretender atribuir ao acto dos soldados a sua discordância com os fins da manifestação. Eles estavam certamente em espírito com os manifestantes.

Vítimas também das forças vivas devem ver com simpatia as manifestações populares contra os assombardadores, contra os exploradores.

### A desordem provocada pelos defensores da ordem

Anteontem, isto é, na manhã do dia em que se realizou a manifestação contra as forças vivas os jornais monárquicos e conservadores insinuaram jesuiticamente no animo dos seus leitores a ideia de assaltos aos estabelecimentos. Transcrevemos o incitamento discreto das "Novidades", como símbolo da moral desses cavalheiros.

"Se todos esses companheiros da luz, do progresso e do bem, de caminho para a apoteose ao chefe do governo, passassem por todos os carneiros, logares, mercearias e quejandos e lhes perguntassem a razão pela qual continuam a esfolar-nos não seria óptima coisa? Se ainda vai a tempo aí fica o alvitre."

O que os conservadores pretendiam era a desordem, o tumulto, para depois atribuírem as culpas ao governo que eles querem ver em terra. Estes homens da ordem são assim: incitam o povo à desordem para se aproveitarem das confusões e fazerem a sua política reles.

## Os intelectuais contra a plutocracia

### Ouvindo o dr. Ramada Curto

—Já sei a que vem—diz-nos o dr. Ramada Curto.—Uma entrevista neste momento, não pode ser outra coisa senão uma análise à influência perniciosa das forças vivas. Portanto vamos a isto sem mais rodeios. O momento, que passa não admite paliativos.

—E como encara esse momento?

—Vejo nele um aspecto curioso de luta de classes. Dum lado o país, com o proletariado, a própria pequena burguesia composta de funcionários, os professores, as profissões liberais...

—Do outro, o alto capitalismo, o comércio, a indústria, a banca...

—O Estado, que, em regra, é a máquina ao serviço das classes dominantes, forçado pelas consequências da crise nacional, agravadas como em toda a parte pela guerra, viu-se obrigado a tocar na coisa tabu, na coisa sacratíssima e intangível que é o capital. Pede-lhe impostos, pretende fiscalizá-lo, pretende enfim condicionar, reduzindo-o, o direito histórico de abusar e esmagar. Compreende. Quando o Estado toma esta atitude, o Estado atraiço a "lamentavelmente", o seu mandato e provoca a gritaria dos seus donos habituais.

Aqui o dr. Ramada Curto fez uma pequena pausa, no tom catadrático das suas afirmações, e comenta risonho, traíndo a sua costumada ironia:

—Tenho pena de não ter agora aqui à mão alguma daquelas frases em italiano que marcam os artigos do fecundo polígrafo dr. Trindade Coelho, sobre o "desterro da autoridade" e outras "eufrasias" suculentas.

—Enquanto o Estado se limita a deixar comer o Moloch, está garantida a Ordem com o grande.

### A cova dos leões...

—No campo económico, há umas categorias metafísicas a que uns senhores que sabem destas coisas chamam "as imutáveis leis económicas" cujo salutar funcionamento permite, nas sociedades civilizadas e cultas, as soberbas florações da riqueza, da fartura e da prosperidade duma minoria, ficando livre à maioria o direito de morrer de fome, sem incomodar os que digermos. Uma ligeira hesitação por parte dos homens que governam o Estado, em manter o predomínio absoluto e sem controle dos ricos sobre os pobres, é uma heresia que provoca as coleras, que em todos os tempos as heresias provocaram por parte dos ortodoxos de qualquer religião.

O dr. Ramada Curto, certamente para que a sua entrevista não resulte um arrazoado de artigo de fundo suculento e com itálicos, deixa intervir levemente o seu bom humor:

—O sr. Daniel Rodrigues, saindo vivo da assembleia do Banco de Portugal, lembra-me o seu homónimo o profeta Daniel da Bíblia, que não está averiguado saíu vivo da cova dos leões. Afinal, todo este barulho porque os sobreditos leões estão ameaçados de que, à carne limpa como que se nutrem, terão que juntar agora uma lasquinha de osso, sem reparar que, de há muito, as outras classes comem só osso e... sem tutano.

—A parte o bom humor, que lhe parece o resultado da contenda?

—Eu tenho—porque não dizê-lo—uma impressão pessimista. O Estado, pequeno burguês, bacharelote, medroso da hidra-vermelha, com pequenas excepções que se apontam a dedo, composto de mancebos que querem fazer figura, mas só têm cabeça para justificar a indústria dos chapelleiros—vai-se abaixo diante do fascismo de covado que está na força.

—Só a força do proletariado lhe poderá valer, e ainda com a condição do proletariado saber actuar... E aqui faço um ponto final, na forma como eu entendo que o proletariado deveria actuar, porque vocês, se eu dissesse mais, iam-me à mão, e mandavam-me fazer propaganda no Benfamoso.

### Audacioso impudor da resistência da plutocracia

—Nós não somos pessimistas. O proletariado consciente e organizado saberá resistir à maré, como tem resistido sempre.

—O que é pena é que esse esforço, quando eficaz, não seja aproveitado no amparo

duma obra maior. Bem vê que estas coisas de selagem, reforma bancária, são tudo coisas que só são máximas porque se passam em Portugal.

—Entende então que a reforma bancária...

—As linhas gerais da reforma bancária são matéria corrente em todos os países—e lá também há banqueiros. A selagem é uma forma de tributação já antiga na Europa e na América, e lá também há comerciantes. As disposições da proposta do ministro da agricultura sobre terrenos desaproveitados e culturais, só são uma audácia em Portugal. Tudo isso—e muitas outras coisas—constam dum manifesto publicado em 1920, como programa mínimo de acção económica, por mim redigido. A questão dos Bancos emissores, das grandes empresas monopolistas, das grandes indústrias absorventes e dominadoras da Economia Nacional vem tratada na "Carta Aberta" que em 1923 eu e Amâncio de Alpoim dirigimos ao Chefe do Estado.

—O que lá fora não há, é o audacioso impudor de resistência da plutocracia portuguesa. O descoco com que os homens de Companhias de Seguros falidas, de Bancos que suspendem pagamentos, da C. P. que vive em regime de calote perpétuo, da Aliança, do Monte Pio Nacional, e tutti quanti veem falar na sua capacidade administrativa e compará-la seja com o que for!

—Comerciantes que não souberam prever a crise, chefes de indústria que quando a libra chega a cem escudos, deitam as mãos à cabeça e pedem o agravamento das pautas... E querem ser tomados a sério.

—Em resumo...

—Para terminar lembro-me esta: Em 1919, quando se levantou a celeuma da selagem dizia-me um destes cavalheiros de dedo alçado:

—V. Ex.ª, sr. ministro, fique sabendo que eu domino inteiramente as questões económicas... Eu aquiesci amável. O pobre diabo empertigando-se, concluiu:

—Os senhores hadem-se de convencer...

—Não sei do que é o homem queria que eu me convencesse, mas lembro-me que lhe respondi com o meu melhor sorriso:

—Pois claro que hadem... Nem razão nem gramática.

Apre!

### O medo a um radicalismo débil e conservador...

Os jornais conservadores e reacçãoários pretendem achincalhar o presidente do ministério pelo facto d'ele ter afirmado anteontem que a guarda não se fez para espantar o povo. Parece que se fez alguma afirmação incendiária, pela maneira como a comentam os conservadores.

Então, srs. conservadores, a guarda—segundo os vossos princípios—não é para manter a... ordem? E fusilar o povo é manter a ordem ou provocar a desordem? Parece-nos que é provocar a desordem.

Portanto o governo está de acordo com os seus princípios de ordem, afirmando que a guarda não se fez para bater no povo.

Pela maneira como os conservadores falam parece que este governo está fazendo uma obra revolucionária. Parvos! O governo está fazendo, simplesmente com mais inteligência, uma obra conservadora, tentando com medidas habilidosas assegurar a estabilidade do Estado capitalista. E por esse motivo que nós não o apoiamos. Sendo governo duma sociedade capitalista não pode realizar obras revolucionárias que mereçam o nosso apoio.

Também os reacçãoários implicaram com a declaração do dr. José Domingues dos Santos de se encontrar ao lado dos explorados contra os exploradores. Pois, também não produziu o presidente do ministério declaração que de longe nem de perto se pareça com um pensamento revolucionário. Apenas falou em harmonia com o critério bem burguês que manda os governos reprimir a brutalidade dos fortes, suavizando um pouco a situação dos mais fracos. Se o governo estivesse ao lado das "forças vivas" como tantos outros têm estado, atraiçoaria os princípios de democracia que só agora, ao cabo de catorze anos de república, é que começamos a ouvir balbuciar aos governos republicanos!

### RAZÃO LÓGICA



—Porque é que vossa só lêem A BATALHA?  
—Que quer o patrão? Somos nós que a fazemos...

## UM INSULTO

### Os operários designados por "malta" pelo dirigente das "forças vivas"

Numa entrevista dum jornal da noite, o sr. João Pereira da Rosa referiu-se aos operários desta maneira insultuosa:

«O governo quiz apenas dar uma satisfação à malta que o apoia, à malta que ameaça com atentados e atira bombas, que insulta a força armada e que ainda ontem deu a Lisboa um aspecto de salada russa que nos envergonha.»

Então os trabalhadores que tomaram parte na manifestação de ontem merecem a classificação aviltante e genérica de malta? Pois é a malta que enriquece os industriais nas fábricas e nas oficinas, nas minas e nas carreiras de navegação.

Tudo quanto o sr. Pereira da Rosa usufrue, tudo quanto necessita para viver, desde o pão que come ao fato que veste, da casa em que habita ao automóvel em que se faz conduzir é a malta que o deve. O jornal onde pôde insultar os trabalhadores foi a malta que o fez. Se não fosse a malta, o sr. Pereira da Rosa não conseguiria um único dia fazer sair O Século.

Gostariamos de saber como se veria o sr. Pereira da Rosa para conseguir a fortuna que possui se não fosse o trabalho da malta.

O insulto, mesmo como arma de combate, é uma grossaria. E, quando o insulto é tão injusto como o proferido pelo dirigente da rebeldia das "forças económicas", o resultado é contraproducente.

O operariado, vendo-se insultado, designado despresivelmente por malta saberá compreender que isto de viver toda uma vida no trabalho e na miséria, só merece da parte dos que enriquecem do seu esforço o insulto soez. Um dia virá em que a malta faça arreperder tanta exploração e tanto explorador, tanto insulto e insultadores sem medida nem lógica.

## Uma homenagem à "Batalha" descabida e inaceitável

Com certa estranheza pela parte que nos toca recebemos a seguinte notícia, que transcrevemos integralmente:

### ALMOÇO DE HOMENAGEM OFERECIDO AOS JORNAIS "A BATALHA" E "O MUNDO" POR ESTAREM AO LADO DO GOVERNO

Promovido por uma comissão composta dos revolucionários civis José dos Santos, Carlos Magalhães Ferraz e Conceição Vasques terá lugar brevemente um grandioso banquete ao qual assistirá o dr. José Domingues dos Santos, presidente do ministério, o governo, o dr. Alvaro de Castro e o governador civil, contando a comissão já com grande número de convivas.

Por este meio convida a comissão todas as colectividades do país, que concordem com a orientação do Governo, a fazerem-se representar no dia, hora e local que brevemente se anunciarão. O banquete será abrihantado por um sexteto que gentilmente se ofereceu.

Os bilhetes de inscrição serão brevemente postos à venda em diversos locais.

Toda a correspondência deve ser dirigida a José dos Santos, travessa Gaspar do Trigo, 17-1.º, D.10—A Comissão.

Embora nos penhore bastante a gentil oferta, não podemos deixar de bordar algumas considerações que mais uma vez esclareçam a nossa atitude.

A Batalha dispensa-se de aceitar a homenagem que lhe querem fazer porquanto não está, como a comissão supõe, ao lado do governo. Raro é o dia que não dizem com todas as palavras: "não apoiamos o governo, atacamos a reacção e as "forças vivas" porque não queremos ser esmagados por elas".

De resto, se a comissão organizadora do banquete estivesse mais integrada nas nossas ideias devia ter compreendido que A Batalha atacando sistematicamente os banquetes de homenagem, não podia aceitar tal oferta.

Defendemos a liberdade e combatemos a tirania. Não apoiamos governos, limitamo-nos a reconhecer a sinceridade daqueles que de facto pretendem manter princípios mais avançados, embora ainda muito afastados daqueles que professamos.

### Os ferroviários ingleses e o exército

No final dum discurso, que pronunciou em Brighton, Dobbie, o presidente da União Nacional dos Ferroviários, declarou, que esperava que todos os membros da união, e sobretudo os jovens, recusassem responder ao apelo, que lhes foi dirigido pelo ministro da guerra para formarem as reservas, e que de todas as maneiras podia-se estar certo, que o comité executivo da União recusaria associar-se a todo o movimento, que tendesse a inscrever os ferroviários numa organização militar qualquer.



CARTA DO PORTO  
Um rapto jesuítico...

A Ordem da Trindade pretende internar num convento uma menor, sem conhecimento da família

Ainda não está bem arrumado o noivo caso da igreja dos Congregados e já nos surge outro pela praça.

Desta vez, a nova facanha jesuítica, de outra espécie, teve origem na ordem da Trindade, cuja celebração já muitos anos, pôs em revolta todo o povo liberal desta cidade, novamente assaltada pela seita negra: foi a quando da questão Colmon...

Então, o espírito liberal exteriorizou-se retributivamente a sua repulsa contra a tentativa indecorosa dum rapto dum filho daquele diplomata brasileiro. Agora, trata-se do engajamento dum menor para, sem o consentimento da respectiva família, ser internado num colégio-convento jesuítico de Tui...

Havia nisso, pelo menos, duas vantagens: a perseguição moral e espiritual da menina em referência e o despojamento, em benefício dos piratas da igreja torquemesa, das suas joias e dos seus vestuários...

E assim, torcendo as consciências em pleno desabrochamento para a vida, corrompendo-as e roubando-as, que a miserável seita de «Jesus» consegue acumular riquezas sobre riquezas, exibir deslumbramentos sobre deslumbramentos...

Contemos, em toda a sua cruel simplicidade, os factos tais quais nos documentam. Eles por si são suficientes para desmascarar os repugnantes instintos da cambada jesuítica e para fazer levantar, em gritos de revolta, todos os bons sentimentos da gente de bem e inimiga da hipocrisia e da maldade.

A engajada, isto é, a raptada, que fora iludida e transferida da ordem da Trindade para o Colégio da Saravia de Tui, chama-se Maria Diamantina Cabral, e é preçada em herdes.

No dia 17 do mês pretérito, saiu de casa, às 12 horas da manhã, em direcção à Ordem da Trindade, onde trabalhava. Mas não voltou a casa...

A família, como é natural, foi, no dia imediato, procurar a menina à Ordem da Trindade, recesso de que lhe tivesse acontecido algum desastre.

Cartas «misteriosas» enviadas por «misteriosas» criaturas

Para a dor se tornar mais cruciante, disseram-lhe que não sabiam dela.

Vou, eclipsou-se, não se sabe para onde... até que as mãos dum companheiro da raptada, Albertina Maldonado, foi parar uma misteriosa carta, na qual misteriosamente também se fazia a mesma afirmação de que Maria Diamantina Cabral «tinha fugido com um rapaz que lhe promete ser muito feliz e que pedisse a Deus por ela»...

A família, sempre alanceada por estes acontecimentos de «amores», preparada na Ordem da Trindade, recebe outra carta confirmativa daquela, só com este único esclarecimento: «tentações todas as mulheres têm, e esse homem chama-se Manuel»...

Por aqui se vê todo o embrolho inventado pelos safardãos apóstolos de Cristo...

O único remédio que a família tinha era comunicar o extranho caso à polícia. Foi o que ela fez, entregando-lhe as duas cartas referidas e queixando-se de que a raptada pelo sinistro «Manuel», que armou a cilada na ordem da Trindade, levava, sem ninguém de casa saber, todos os seus vestuários e objectos de ouro...

Daque se infere que a pobre menina induzida pelas que lhe transbordaram, quando temporariamente, o cérebro, foi mudando as suas coisas para a aludida ordem, para daqui, conjuntamente com o pombo negro da Trindade, ir para para a posse do colégio-convento de Tui...

Mas passados dois dias, por uma nova carta recebida pela família da vítima, «verifica-se» que o pombo é, afinal, uma rã, que, possivelmente de acordo com uma quadrilha dos jesuítos convertidos de Deus, de ambos os sexos, pretende arrolar os bens da Diamantina para a vigarice religiosa das santas mães...

Nessa carta, dirigida do Colégio-convento da Saravia à família da pequena, dizia-se «que tinha chegado do Porto uma menina que veio acompanhada com uma senhora e de bons costumes», pedindo à família «se lhe dava o consentimento para dar entrada no colégio, e se a família dava a sua aprovação para ficar internada» no colégio jesuítico.

Para maior confusão desta trapalhada, omitiu-se o nome da directora do conventual colégio...

Junta esta «novíssima» carta às outras, chega no dia seguinte um cartão da directora da ordem da Trindade, convidando a família da raptada a ir falar com ela, convite que regeitou: se algum esclarecimento tinha a apresentar que o fizesse no polícia, onde está entregue a questão...

E depois...

Aparece finalmente a raptada, mas sem a roupa e as joias

E depois da troca de toda a correspondência, a menina aparece no dia imediato à recusa da directora da Trindade em falar a um agente que ia investigar acerca do caso, alegando-se que a sr.ª Júlia de Almeida, a tal directora da Ordem, não estava presente...

Vendo que a facanha jesuítica era enérgica e repulsa pela família de Maria Diamantina Cabral, uma jesuíta da ordem entregou-a a uma senhora da alta sociedade e esta, por sua vez, foi levá-la... à dita família...

Mas os objectos de ouro, mas o vestuário que levava de casa... ficaram de sagrados reféns no piedoso, no jesuítico colégio-convento da Saravia, em amistosas relações com a Santíssima Ordem da Trindade...

A menor, bem como a directora da Trindade, já prestaram declarações na polícia. Contudo, ainda há um certo mistério que é indispensável reduzi-lo à sua necessária clareza, averiguando-se quem foi a dama sequestradora...

E para estas e outras belezas, que a nossa sociedade elegante do mundanismo feminino se esforça, de harmonia com a padralhada, por desenvolver a propaganda fanática—contra a qual a bem da liberdade e moralidade, são legítimos todos os protestos das classes trabalhadoras e de todos aqueles que não estão obcecados pelas intrigas da seita negra...

C. V. S.

Rodas «Ocas»

A melhor para Inquirir. Chegou nova remessa. Dizer pedidos a FRANCISCO P. LARA, Tabacaria nº 99, Quilombo do Largo do Condado Barão, 5º andar, 950/100...

A manifestação de anteontem

Como a imprensa deturpa os acontecimentos

Uma bomba que uns jornais transformam em morteiro e um morteiro a que outros dão foros e feitos dum bomba

O conflito de anteontem passou-se exactamente como A Batalha o noticiou. A manifestação ao entrar na rua do Comércio foi, inexplicavelmente, impedida de avançar pela força da G. N. R. que estava, como de costume, de guarda ao Banco de Portugal. Houve uma ligeira troca de palavras e os soldados, numa má e estúpida precipitação, dispararam alguns tiros sobre os manifestantes. Seguidamente rebentou uma bomba e logo após uma descarga dos soldados.

Os jornais arranjaram variadíssimas versões deturpando a seu modo o que se passou. Examinemos algumas dessas versões, começando ao acaso da escolha pela das Novidades:

«Esta viagem foi cortada de incidentes vários, tendo-se dado diversas brigas que aliás não produziram vítimas. A polícia acompanhava a manifestação, dirigindo o respectivo serviço: o tenente sr. Lopes Soares, comissário de dia do governo civil.

A meio da rua do Ouro, e não sabemos porque, um cabo de polícia fez fogo duas vezes para o ar. Houve a natural precipitação, que se dá sempre nestas crises perigosas, estabeleceu-se um certo pânico e correrias, mas dali a nada os manifestantes sossegaram e continuaram tranquilamente a seguir para o Terreiro do Paço, agora apenas um pouco mais sobreexcitados com o barulho dos tiros».

Depois as Novidades transforma a bomba em explosão dum morteiro que rebentou «muito baixo», rente ao chão e que deu em resultado vários ferimentos.

Diz também que os manifestantes debandaram, à excepção de duas ou três centenas, o que é falso, pois uma parte da manifestação que veio à Batalha compunha-se de cerca de mil pessoas.

O Correio da Manhã dá a seguinte versão que mete morteiro e bomba:

«Nesta altura, um dos morteiros... talvez pago pelas forças vivas, em vez de subir à altura competente para rebentar, apeteceu-lhe esbarrar com o beiral de um telhado e rebentou quando já vinha perto do solo, na queda. O estrondo foi grande, e logo a seguir ouviu-se a explosão de uma bomba de dinamite, que originou a intervenção da guarda republicana, do próximo posto, que se viu obrigada a disparar alguns tiros para dispersar os manifestantes».

A bomba rebentou depois dos tiros, mas o capricho do Correio da Manhã é-lhe explodir antes... O Diário de Notícias também adoptou esta versão que servia os seus desejos.

O Século deturpou assim o que se passou: «Estavam os manifestantes a chegar ao Terreiro do Paço quando explodiu nos fios telefónicos, por cima da sentinela da G. N. R. que ali faz serviço, um formidável morteiro. O soldado, supondo que se tratava de um atentado contra o Banco e num instintivo gesto de defesa, fez imediatamente duas descargas para o ar, pondo em fuga quantos se encontravam perto».

O pânico produzido foi enorme e a força da G. N. R. que faz serviço na rua Henriques Nogueira, entre as do Arsenal e Comércio, aprestava-se para acudir à sentinela que supunha atacada quando, do lado da Central Telefónica, um desvarado atirou uma bomba de dinamite. Imediatamente caíram feridos por estilhaços dois civis e dois militares.

A bomba explodiu com enorme fragor, quebrando muitos vidros do ministério do Interior, da Câmara Municipal e de vários edifícios da rua do Comércio. Vendo-se atacados, os guardas republicanos fizeram diversas descargas para o ar, pondo em debandada os indivíduos que se conservavam perto do posto. No Terreiro do Paço muitos populares fugiram, mas o grosso da manifestação conservou-se firme. Das janelas do ministério do Interior, durante os momentos de pânico, aconselhava-se prudência, e dois oficiais do exército saíram dali para fazerem recolher os soldados ao posto, pondo fim ao equívoco, e serenarem os ânimos dos mais exaltados».

Aqui também mete morteiro e bomba. O morteiro que nas Novidades rebentava rente ao chão, que no Correio da Manhã rebentava a alguma altura do solo, no Século explode nos fios telefónicos! Faltou só dizerem uns, que ele estalou no sub-solo, outros que rebentou muito próximo à rua. Nas Novidades o morteiro faz as vítimas que o Século diz serem da bomba! Enquanto o Século mantém que o grosso da manifestação ficou firme, sem fugir, as Novidades pintam uma debandada em massa. Extraordinárias contradições.

O Rebate dá esta curiosa informação: «Hoje de manhã deve ser passada busca em casa de um indivíduo de nome Adelino, porteiro do Banco de Portugal e ali residente, criatura conhecida pelas suas ideias monárquicas, o qual se suspeita ter sido quem arremessou a bomba, pelo que deve ser capturado também esta manhã».

Sobre a importância da manifestação não vale a pena fazer citações. As contradições pululam em quase todos os jornais: havendo desde os que a apresentam como foi, imponente e grandiosa até aos que a pintam destituída de importância, quase localizada a algumas dúzias de pessoas.

Aos leitores, diante do que transcrevemos, não lhes aflorará aos lábios um sorriso misto de scepticismo e de desdem?

Foi ontem preso o Adelino da Costa, porteiro do Banco de Portugal, sob a acusação de ter lançado a bomba que explodiu na rua do Comércio. Adelino da Costa, é monárquico, pertencendo à comissão política do seu partido na freguesia de São Julião.

Desajamos que as investigações se façam com a maior urgência, não lhe sucedendo como a tantos outros que aguardam longos dias presos pelo apuramento das responsabilidades imputadas.

Os feridos melhoram

E' satisfatório o estado dos dois feridos, da rua do Comércio, por ocasião da manifestação de anteontem à noite, e que se encontram internados no hospital de São José, tendo o 2.º sargento da G. N. R. João

O movimento dos explorados contra os exploradores

Comício contra as oligarquias económicas

Hoje, às 15 horas, no Terreiro do Paço

Promovido pela Federação Nacional das Cooperativas, realiza-se hoje, pelas 15 horas, no Terreiro do Paço, um comício público, para o qual são convidados todos os consumidores explorados, sem distinções de classes, partidos ou tendências, a fim de se intensificar a resistência contra a atitude e planos da alta-finança e demais oligarquias.

Deverão usar da palavra, entre outros, os drs. srs. Reis Santos, Ramada Curto, Amâncio de Alpoim, Sobral de Campos, João Camoesas, Manuel Joaquim de Sousa, Rozendo José Viana e António Monteiro. Convocando os explorados ao comício a Federação afixou ontem pela cidade os seguintes «placards»:

A TODAS AS CLASSES EXPLORADAS  
Cerrai fileiras contra os vampiros das oligarquias!

Não falteis ao grande comício que se realiza hoje, domingo, 8 de fevereiro, no Terreiro do Paço, pelas 15 h.

Chegou o momento da luta decisiva! É indispensável que todos os explorados—operários, funcionários, jornalistas, caixeiros, professores, militares de terra e mar—se unam para meter na ordem e demais oligarquias, que premeditam um regime de terror!

É indispensável que a União dos Interesses Económicos, das chamadas «forças-vivas», se contraponha a União dos Interesses Sociais.

Consumidores explorados! Uní-vos e defendei o vosso direito à vida e à liberdade! Manifestai-vos serena, mas firmemente!

Formai a frente única dos explorados contra as oligarquias dominantes! Tratai como agentes provocadores das oligarquias todos aqueles que tentarem perturbar ou desvirtuar a nossa manifestação.

AO COMÍCIO EM MASSA

O conselho de delegados da U. S. O. ratifica as resoluções tomadas

O conselho de delegados da U. S. O. ontem reunido, depois de vários oradores combaterem as pretensões dos ditadores da União dos Interesses Económicos, aprovou os documentos que seguem:

«O conselho, tendo em conta o aspecto do movimento das forças vivas, resolveu habilitar a comissão administrativa a preparar a defesa, segundo os documentos aprovados e relativos a esta questão».

«O conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários, apreciando os trabalhos iniciados pela comissão administrativa contra as pretensões da União dos Interesses Económicos, considerando que o proletariado deve estar sempre preparado

da Costa, que se encontra na enfermaria de São Francisco, sido visitado pelo comandante da respectiva companhia, capitão sr. Joaquim António Costa, vários camaradas e muitas praças. O servente da C. M. L. Miguel dos Santos Carvão, depois de lhe ter sido extraído, no Banco, pelos drs. Fernando Simões e Fernando de Lacerda, um estilhaço da mão, também recolheu à mesma enfermaria de São Francisco.

A carestia da vida em França

Votam-se providências para a atenuar

PARIS, 7.—A Câmara aprovou em sessão noturna por 332 votos contra 225 o projecto de lei tendente a facilitar o abastecimento da população em cereais, farinha e outros géneros alimentícios, e estabelecendo pesadas penalidades para todos os especuladores que contribuíam para o aumento do custo da vida.

O projecto autoriza o governo a tomar todas as medidas que entender necessárias para o cumprimento da lei.—(L.)

O abastecimento do trigo

PARIS, 7.—Em seguida a várias interpeleções sobre os preços do trigo e do pão, a câmara manifestou a sua completa confiança no governo e convidou-o a pedir imediatamente a votação de uma lei por ele elaborada e comportando:

1.º—Declaração dos trigos disponíveis; 2.º—Compra directa pelo Estado dos trigos nacionais e eventual constituição de uma reserva de trigos exóticos; 3.º—Criação de uma repartição de trigos.—(L.)

Uma festa de estudantes

Amanhã, em São Carlos, realiza a Tuna Académica de Coimbra um saraú de homenagem à colónia brasileira e que deve constituir um interessante espectáculo de arte.

Representar-se há uma aplaudida peça de costumes combrões e, além dum concerto pela tuna, vários estudantes far-se-ão ouvir em canções regionais.

Agradecemos a gentileza do convite.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE = 2 SENSACIONAIS ESPECTÁCULOS 2 = HOJE

A's 14,30 (2 e meia) Grandiosa «matinée»

A's 21 (9 da noite) Deslumbrante «soirée»

OS MAIS SURPREENDENTES NÚMEROS DE CIRCO

Dupla travessia do palco para a cúpula, sobre uma corda, pelos notáveis equilibristas japoneses

TROUPE DAI NIPPON

Não se concedem entradas de favor

A venda da geral para o espectáculo da noite abre às 4 horas da tarde

Amanhã: espectáculo da moda e estreia dos notáveis malabaristas LOS ANGELES

para agir conforme as circunstâncias o aconselharem, resolve manter em Lisboa a agitação já iniciada, convidando o povo a manifestar-se em todos momentos propícios para o fim em vista, declarando bem clara e nitidamente que todas essas manifestações não têm carácter de ligação com qualquer partido político e ainda menos de apoio ao governo, mantendo sempre através de todas essas manifestações as suas características sindicais revolucionárias.

A atitude das classes marítimas

Com a presença da maioria das direcções dos Sindicatos Marítimos e seus delegados, que o Núcleo Marítimo Revolucionário convocou, reuniu ontem este organismo a fim de assentar na melhor forma das classes marítimas estarem alerta contra o projectado movimento que as «forças vivas» tendem levar à prática.

Fizeram uso da palavra vários camaradas, sendo todos unânimes em advogar a conveniência de fazer-se uma nova reunião convidando para ela todos os revolucionários sociais marítimos, a fim de se assentar no caminho a seguir, reunião esta que oportunamente se anunciará.

Os ferroviários do Minho e Douro vão desenvolver uma forte agitação para conjurar o perigo

PORTO, 5.—Os ferroviários do Minho e Douro reuniram em assembleia, ocupando-se do movimento das «forças vivas».

Elisio Ferreira de Sousa manifestou-se contra as revoltantes perseguições movidas contra os propagandistas operários, bem como contra as ameaças das «forças vivas» apresentando, neste sentido, a seguinte moção, que é igualmente assinada por Miguel Moura e Joaquim Vicente:

«Considerando que o jornal A Batalha, porta-voz da organização operária portuguesa, tem há dias a esta data, publicado nas suas colunas o perigo que ameaça as classes trabalhadoras;

Considerando que dum modo geral se verifica já que as «forças económicas» iniciam uma propaganda activa no sentido de darem um golpe de morte nas nossas tão reduzidas liberdades;

Considerando que o triunfo que tal classe poderá alcançar só pode ser com o auxílio do proletariado, sua vítima de sempre;

Considerando que se torna mister desenvolver a maior propaganda possível no meio ferroviário, a fim de preparar a classe a reagir no momento psicológico para fazer recuar até à sua insignificância semelhantes detractores da verdade;

Considerando, finalmente, que por todos os meios possíveis a classe trabalhadora não deve admitir que se verifique uma ditadura patronal; os ferroviários do Minho e Douro, reunidos em assembleia geral, resolvem:

1.º Dar todo o seu apoio à C. G. T., que moral, quer material em qualquer movimento que ela inicie para defesa da liberdade das classes trabalhadoras;

2.º Desenvolver a maior agitação na classe para conjurar o perigo quando ele se apresentar;

3.º Dar conhecimento à C. G. T. do conteúdo desta moção.

Aprovado, por unanimidade, este documento, a sessão encerrou-se pelas 24 horas.—C.

OS FALSIFICADORES

Continua-se impunemente atentando contra a saúde dos consumidores

Há vários géneros que veem sendo, da guerra para cá, persistentemente falsificados. O azeite sofre a mistura de vários óleos, entre os quais o de algodão. No café até tem sido misturado tremoço e castanha pilada pódre. O leite é misturado com urina. A manteiga tornou-se, pelas porcas e gorduras de toda a ordem que lhe metem, altamente nociva à saúde dos consumidores.

A lei que mandava perseguir os autores destas infâmias enviava-os a julgamento para o Tribunal das Transgressões onde ficavam a rir-se cinicamente com o resultado das suas proezas, mediante o pagamento dum multa que nunca podia ir além de 50 escudos. Os julgamentos dos falsificadores de leite faziam-se no Tribunal dos Assam-barcadores, mas como a multa se elevava a 1.250\$00, eles mexeram-se conseguindo ser julgados pelo Tribunal das Transgressões.

Há muito que se anuncia a publicação dum decreto sobre este magno assunto sem que até agora ele tenha saído. Não temos creança na proficiência do decreto, limitamo-nos a registar a impunidade dos miseráveis que atentam contra a saúde dos consumidores. Falsificam-se os géneros impunemente, o que prova o grande poder que os falsificadores têm adquirido.

ESPERANTO

Nova Vojo—Reuniu a assembleia geral, na qual foram nomeados para os novos corpos administrativos, A. Ramalho, M. Dias da Silva e J. Fino.

Sociedades de recreio

Concentração 24 de Agosto—Para a compra de uma nova bandeira, realiza-se hoje uma recita com o drama em 3 actos «O Erro Judicial» e a comédia em 1 acto «Os afilhados de Bertoldo», seguindo-se baile até de madrugada. A'manhã há baile.

DESPORTOS

Campeonatos oficiais

Realizam-se hoje os seguintes desafios da Associação de Foot-bal de Lisboa:

1.ª categoria: Belenenses-Sporting, no Estádio, às 15,30 horas; juís, o sr. José Domingues Fernandes. Portugal-Imperio, no Estádio, às 13,30; juís, o sr. Frederico Costa.

3.ª categoria: Vitória-Bemfica, no Campo Grande, às 13; juís, o sr. Bemvindo Casaca. Chelas-Carcavelinhos, em Chelas, às 13; juís, o sr. Jaime F. Alves.

3.ª categoria: Belenenses-Sporting, no Campo Grande, às 11; juís, o sr. José A. Farinha. Portugal-Imperio, no Campo Grande-A, às 11; juís, o sr. Nuno Freitas.

4.ª categoria: Chelas-Carcavelinhos, em Chelas, às 11; juís, o sr. Delmiro Audion.

Promoção: 1.ª categoria: Ocidental-C. Quebrada, em Marvila, às 15,30; juís, o sr. Vitor Coral.

2.ª categoria: Hockey-C. Quebrada, nas Laranjeiras-A.

Taça «Guilherme Pinto Bastos» — 1. S. Técnico.—F. de Medicina, em Palmavã, às 13, juís, o sr. Rogério Sá. L. S. Comércio-Escola Militar, em Palmavã, às 15, juís, o sr. Ilídio Nogueira. F. de Direito-L. M. Veterinária, em São Vicente, às 13; juís, o sr. Joaquim Costa. F. de Ciências-L. S. Agronomia, João Frias.

Escalas Secundárias.—Grupo A.—Escola A. Domingos—L. Pedro Nunes, Estrela, às 14,15; juís, o sr. Rogério P. Cardoso. Escola Nacional—Escola Académica, em Estrela, às 13,15; juís, o sr. António Bráz.

Grupo B.—Asilo Maria Pia—Escola Agrícola, na Estrela, às 12, juís, o sr. João Rodrigues. Escola A. Domingos—Escola M. Pombal, em São Vicente, às 10, 15, juís, o sr. Jacinto dos S. Lucas. Liceu Gil Vicente—L. Pereira Sousa, em São Vicente, às 9,30; juís, o sr. Octávio R. da Costa. Casa Pia—Escola Veiga Beirão, na Estrela, às 9,30; juís, o sr. J. F. Bogalho.

Desafios particulares

Jogam hoje o São Ciro F. C. contra o Grupo D. Armazens do Chiado e o Batalha F. C. contra o Voador Sporting Club.

Em Santarém

No campo desportivo dos «Leões», à Chã de São Lázaro, realizou-se o 2.º encontro do campeonato para disputa da taça «Associação», entre as 1.ª e 2.ª categorias do Sport S. S. «Leões» e G. F. Empregados no Comércio, vencendo este por 1-0.

Em Évora

Promovido pelo Juventude Sport Club realiza-se hoje um torneio de futebol «re-lâmpago» entre o Comércio, Imperio e Juventude (linhas A e B) para disputa de uma taça.

AMANHÃ! AMANHÃ!

Mais um número do Suplemento semanal literário e ilustrado de A BATALHA

SUMÁRIO:

A herança dos trabalhadores, por Carvalho Duarte.

As lições da história, por Julião Quintinha.

Ecos da Semana, por F. de C.

O suplício dos calvoiros, por E. F.

O lar dos pobres e o lar dos ricos (com gravuras).

A Voz da Pedra, por João Pedro de Andrade.

Os contos do Suplemento—O homem que morreu cinco vezes, por Eduardo Farias.

Versos de Bramão de Almeida e Saldanha Carreira.

Falar é semear... por Abilios.

O que todos devem saber... Chico, Zecas & C.ª (com gravuras).

Teatro Nacional

HOJE, ÀS 9,15 DA NOITE

A CELEBRADA PEÇA

DICKY

NO CARNAVAL

5 BAILES DE MASCARAS 5

Em «matinées» 2 bailes infantis

Todas as noites maravilhosos espectáculos com peças alegres e cheias de fantasia

Os bilhetes para estes espectáculos e bailes de mascarar estão desde já à venda no camaroteiro

FACTOS DIVERSOS

Manifestação a um combatente de Monsanto

Várias agremiações republicanas que não puderam comparecer no dia 25 na manifestação de homenagem ao alferes Martins, morto na revolta monárquica, promovem hoje, pelas 15 horas, uma manifestação a Monsanto, que parte da Rotunda, pelas 11 horas.

Uma medida prática

Vai ser publicado um decreto determinando que as Câmaras Municipais paguem a renda das casas das escolas primárias, a fim de evitar a continuação dos despejos judiciais por falta daquele pagamento. A respectiva despesa será encontrada nas contas que as câmaras têm com o Estado.

Demonstração escotista

Realiza-se hoje, às 11 horas, uma demonstração escotista em Alfama, devendo as pessoas que foram convidadas a presença lá estar no «terminus» da linha dos eléctricos em Benfica, pelas 10 horas.

Lei dos hóspedes

CONTENDO a tabela das importâncias que os hóspedes têm de pagar aos inquilinos, em harmonia com as respectivas rendas das casas, e as últimas disposições oficiais sobre o despejo dos quartos conforme o decreto nº 9.116, Freixo 1200, Lavraria Pacheco, rua do Mundo, nº 79.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

NO TRINDADE

«L'Amour», de Kistemackers

L'Amour, de Kistemackers, será, como muita gente pretende, uma peça vazada em moldes velhos, batendo um assunto já conhecido, numa palavra, sem novidade de técnica, nem sabor novo de tema. Mas, a que chamam os censores, muitos dos quais temos ouvido defender comédias antigas, sem finalidade e quasi sem acção, uma peça moderna, principalmente de técnica moderna? Não ha técnica moderna porque, precisamente o que faz dizer «processos modernos» não é nem poderia ser a adopção de regras estabelecidas, mas simplesmente a ausência, a condenação de processos batidos que foram tolerados durante séculos e que jámais tomaram aspecto de arte pura, antes se distanciaram dela, num caminho de contrafacção de verdade e naturalismo. Não são fórmulas novas, é unicamente a eliminação de velharias escusadas ou prejudiciais que empanam o verdadeiro sentido das coisas, que desligaram os caracteres e os meios.

No caso de L'Amour: E' ou não aquela mulher uma das modalidades francas e abertas do volubilismo feminino, sempre incompreensível, tão depressa ardente como desinteressado, ora impetuoso de sinceridade, ora inexpressivo de intenção?

E' ou não é verdadeiro aquele carácter amoroso, dum afectividade de criança que o pintor de Kistemack



Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,42
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,28
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	Q. C. dia 8 às 9,10
S.	2	9	16	23	L. C. dia 10 às 7,03
T.	3	10	17	24	Q. M. dia 23 às 7,11
					L. N. dia 28 às 5,46

MARES DE HOJE	
Prata	2,45 e 3,12
Baixa	8,24 e 8,42

CAMBIO

Países	Compra	Venda
London, 60 dias de vista	102,00	102,50
London, cheque	102,00	102,50
Paris	12,11	12,12
Suiza	22,99	23,01
Belgica	23,50	23,52
Holanda	23,50	23,52
Madrid	22,96	22,97
New-York	20,70	20,84
Brazil	25,51	25,71
Noruega	23,15	23,20
Suecia	23,58	23,63
Dinamarca	23,68	23,73
Praga	25,01	25,12
Buenos Aires	62,00	62,40
Viena (100 corôas)	2,50	2,51
Bombaim (100 rupias)	25,00	25,10
Agio do ouro 1/2	22,50	22,50
Libras ouro	112,00	112,00

ESPECTACULOS

**TEATROS**  
S. 15 - A's 21 - Benamor  
A's 15 - Condição  
Enclon - A's 21, 30 - Dickys  
Trillem - A's 21 - Mulher Nua  
A's 15 - Condição  
Trillem - A's 21, 30 - Les Romanesques  
A's 15 - Matinée - Montmartre  
Enclon - A's 21, 30 - Ave-Maria  
Eden - A's 21, 30 - O Bolo Rei  
Moria Vitória - A's 20, 30 e 22, 30 - Res-Vés  
Enclon - A's 21 - Companhia de circo  
A's 15 - Matinée  
S. 15 - A's 20, 30 - Variedades  
Il Vicente (à Graça) - A's 21 - O Cabo Simões  
Enclon - A's 21 - Todas as noites - Concursos e diversões  
**CINEMAS**  
Olimpia - Chado Terrasse - Salão Central - Cinema  
Condes - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Pro-motora de Educação Popular - Cine Páris - Cine Es-creva - Chantel - Tivoli - Tortoise

**FABRICA**  
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
**GOARMON & C.**  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
- TELEF. C. 1244 - LISBOA -

**PEDRAS PARA ISQUEIROS**  
Metal Auer, assim como rodas d'oca e mactinas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, lampões. Vende-se no Largo do Conde Barão, n.º 55 e quicote.  
Dirigir pedidos a Francisco Ferreira Lata (a casa que fornece em melhores condições).

**Companhia Nacional de Navegação**  
Vapor "Portugal"  
Sai no dia 15 de Fevereiro para Funchal, São Vicente, Praia, Príncipe, São Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Lourenço, (Ambrizete, Quinua, Boma, Nequi e Landana, com transbordo em Leão), Ambom, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Culo, Mossamedes e Porto Alexandre.  
Para cargas, passageiros e mais esclarecimentos, tra-tar-se em LISBOA, na Sede da Companhia, Rua do Comercio, 85. NO PORTO, na sua Sucursal, R. Nova de Alfândega, 34.

**Associação de Socorros Mútuos**  
"Progresso Social"

**Sede - Rua da Rosa, 188, 1.º, D.**  
Reúnem-se em sessão de assembleia geral, na sede, no dia 11 de fevereiro, pelas 20 horas, para aprovação do Relatório e Contas.  
Não reunindo número legal, fica transferida para o dia 20 a mesma hora, funcionando com qualquer número de sócios.  
Lisboa, 6 de Fevereiro de 1925.  
O Presidente da Mesa: Rui das Neves Lopes

**AGRADECIMENTO**  
Almada  
Mamuel de Araújo sua mulher, filhos e sogra agra-decem a todos as pessoas de família e amigos, que se dignaram acompanhar a sua última morada a sua tão extrema filha, irmã, e neta no funeral que se realizou no dia 6 de Janeiro de 1925.

DURANTE ALGUNS DIAS  
Grande liquidação por motivo de balanço

20 OTO

de desconto em todo o nosso sortido de fazendas para fatos, sobretudos, vestidos e casacos.

Esplêndidas fazendas para fatos aos preços seguintes: (preços sem descontos)

19\$500	32\$50
25\$00	37\$50
28\$00	39\$50

Visitem os depósitos dos fabricantes da Covilhã **DONAS & C.**

EM LISBOA:

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

Pedimos a máxima atenção para os números dos nossos depósitos.

NO PORTO:

Rua Fernandes Tomás, 392 A

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A. 2.º

**Chapelaria A SOCIAL**  
Cooperativa dos Operários Chapelheiros  
Grande sortido em chapéus, lisos e me-dias em cores lindíssimas, formatos de mais famosos fabricantes estrangeiros  
**GRANDE NOVIDADE**

Especialidade em chapéus de seda e FLAMÃO

Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na

Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernan-des da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: -31, Rua Fernandes da Fon-seca, 33

1.ª Sucursal: -Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: -Rua do Corpo San-to, 29

3.ª Sucursal: -Rua do Arco Mar-quês de Alegrete, 56 52

FABRICA DE BONETS - Chapéu modelo Jaures (Exclusivo)

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.  
Trabalhos tipográficos, carimbos e elos-de-escrituração, mapas de escrituração, mapas de decalcar de cotas e de matrículas para Sindicatos, Cooperativas, Comunas, Juventudes, etc.  
Grande sortido em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre nos preços mais baixos do mercado.  
Grande obra de Victor Hugo, "OS MISERABLES", ilustrada por assinaturas, (tomo e encadernado com capas especiais em 2 grandes volumes a 4000, acresentando 500 de porte o embalagem para a pro-víncia).  
Sempre novos artigos e novidades lit-erárias.

Joaquim Cardoso  
Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29  
LISBOA

A BATALHA

IMPORTANTE

SEGUROS MARÍTIMOS

A MUNDIAL participa a todos os seus clientes que celebrou con-tratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habili-tada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices flutuantes.

Dirigir-se a



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$00 - Reservas, Esc. 749.031\$60,9

Sede em Lisboa: Delegação no Porto:

Rua Garrett, 95 - Tel. 3894 Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã com bons forros desde 169\$00

IMPREMIUNIS INGLESES com tinto e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, RUA DA BOAVISTA, 172

ASSINEM

Os Mistérios do Povo

CALÇADO

A sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos cal preto, forma brôa, cujo valor em verniz, abotinados salto Luisé de 70\$00.

a 75\$00 botas em calf, preto, cotados, para senhora, cujo valor é de 75\$00.

a 70\$00 botas calf preto cano de cor, forma da moda, a solas corridas, cujo valor é de 90\$00.

a 30\$00 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00.

a 55\$00 sapatos de calf cor da moda, cujo valor é de 80\$00.

a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Fábrica Cerâmica de Valadares

SEDE - Valadares - Vila Nova de Gaia - Portugal

Teija tipo de Marselha, Olarias, Tijolos diversos.

REFRACTÁRIOS - Tijolos e diferentes peças para todas as indústrias.

GREZ - Tubos e seus acessórios, Botijas para Vinhos e Genebra.

SANITÁRIOS - Azulejos simples e decorativos.

ORNAMENTAÇÕES - Cachepots, Vasos, Colunas, Figuras, Balaústres e mais artigos para ornamentações interiores.

DEPÓSITOS DE VENDAS

LISBOA - Rua dos Correioes, 8 a 12 - Telef. C. 101

PORTO - Rua da Picaria, 86 e 88

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas e recentes. Resultado imediato e comprovado pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 - PORTO

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Porto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, PREFERINDO

RECTAMENTE aos fregueses pelos preços 40 OTO

MAIS BARATO que e o que os agentes levam a mais. FACAM seus pedidos directos para serem bem servidos e rápido a GRANDE e ABRI-CA onde se fazem essas lindas CHAPAS e que duram para sempre e letras esmaltadas para ruas, estabelecimentos, etc., emblemas lindos e baratos para Sports, clubes, medalhas para corridas (artigos de Barão), Guantes mais baratos. Esto-jos de metal branco com máquina e lâminas Gil-ettes 3500. Navalhas, máquinas para cortar ca-belo, máquinas de 4 rolos para a aliar. Tesouros finas superiores a 1200 que outros vendem a 2000 e canetas de tinta permanente com pena de ouro a 400, que os outros vendem pelo dobro, canetas, CARIMBOS numerados a tinta, a repetirem o numero até 12 vezes, ditos para cheques a pincel o numero e com data, selos em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e ro-pações, sinetes para jactos e roups, etc., alia-tes de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinhãs, fichas de metal para jogos, cafés, fabricas, etc. Esses lindos avelis a Freire, em aço e ouro com brasões e monogramas, cubos importe do Portugal, chapas e letras para marcar caixotes e preços, lampadas e instalações el-ectricas, isqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na Europa completa. A. L. Freire, 18 e 14, R. do Ouro - Telef. 2656 C. - Pegam á cobrança para tudo lhe se remeter.

PURGAÇÕES

Cura rápida e radical com a GONOSINA

Unico específico que não causa apertos de uretra

FARMACIA OLIVEIRA - 238, Rua da Prata, 240

ESPELHOS BELGAS

Grande redução de preços devido á melhoria cambial.

R. Almirante Reis, 24-II - Telef. N. 4060

LIMAS

As melhores são as da União.

Tomé Feiteiras, Vieira da Leiria - Pedra em todas as lojas de ferragens.

Em preços e tem-pora rivalizam com as melhores mar-cas inglesas.

MARCAS REGISTRADAS

Pedidos aos nossos Representantes e Depo-sitários em Lisboa srs. Ferreira & C.ª, Lda - Cal-cada do Marquês de Abrantes, 138 - Telef. C. 132

Milhares de curas



SE DEVEM AO

HERPETOL

Unico remédio eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi atormentada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-dientes que aos pais aconselhavam, resolveram con-sultar o médico, o qual receitou um frasco de HER-PETOL.

A pele, que tinha a aparência escamosa muito irri-tada, tornando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sen-sivelmente aliviada, e antes de terminando um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas e morde-duras de insetos.

A venda em todas as farmácias e R. da Prata, 237, Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

Anilinas Jacobus

A melhor maneira de resistir á

alta de preços dos artigos de ves-tuário, é tingir os fatos e os vesti-dos com as célebres anilinas JA-COBUS, únicas que se podem aplicar com justificada confiança.

Todos as preferem por serem as melhores do mundo. Com uma despesa insignificante fica-se com um traje novo, sem ser necessário pagar ao tintureiro preços exorbi-tantes.

A venda em todas as boas dro-garias do continente e ilhas.

DEPOSITO GERAL só por ataca-do: Sociedade Produtos Quími-cos, Limitada, Campo das Cebolas, 43, 1.º - Lisboa.

A GRANDE BAIXA

DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . . . 30\$01

Sapatos em verniz . . . . . 28\$01

Botas pretas (grande salto) . . . . . 38\$03

Botas brancas (salto) . . . . . 38\$03

Grande salto de botas pretas . . . . . 38\$03

Botas de cor para homem . . . . . 40\$09

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operária é na rua dos Cavaleiros, 16-20, com Filial na mesma rua, n.º 46.





## Ferrovários do Minho e Douro

Occupam-se das «démarches» junto do governo e doutros assuntos corporativos

PORTO, 5.—Sob a presidência de António Augusto Moreira, secretário por Carlos Guimarães e José de Pinho, efectuou-se anteontem uma importante assembleia geral dos ferroviários do Minho e Douro.

Constituída a mesa, Carlos Guimarães explicou os motivos porque não é lida a acta, passando-se imediatamente a ordem dos trabalhos: ouvir os delegados que em Lisboa trataram dos assuntos constantes da moção aprovada na última reunião magna, além de outras questões de interesse colectivo para a classe.

Adriano Augusto Monteiro, um dos referidos delegados, fez uma sucinta história de todos os trabalhos encetados junto do ministro do comércio e administrador geral, ajudando ao procedimento do director do Minho e Douro, o qual, fazendo publicar a ordem n.º 18 que determina concessões para todo o pessoal eventual com mais de 3 anos de serviço, fê-lo duma maneira subfúrgica para aqueles que se encontram destacados nos trabalhos de via e construção—não se sabendo se aquele aludido director os reconhecerá licenciados e se, depois de serem chamados, lhes serão dados os direitos que lhes pertencem como se estivessem ao serviço do movimento.

O director está da posse de todas as instruções, mas pretende, lamentavelmente, abrir conflitos com a classe ferroviária.

### O que se passa com os doentes

Maximiano Pires, entre outras considerações, explica o que foi tratado com referência aos doentes e fundo de assistência, considerando intolerável a intransigência em que as instâncias superiores se arrimaram para a solução de tal assunto, terminando-se com uma situação tão deplorável para os supramencionados doentes.

Raul José da Silva exterioriza a sua justíssima revolta contra o que se está passando, bastando à assembleia de que já está há bastantes meses sem receber, apesar de, no sanatório, conseguir boas informações.

Depois de Joaquim Vicente, Manuel Pereira e Miguel Moura se pronunciarem acerca da situação dos camaradas doentes, é resolvido que uma comissão se vá avistar com o director, a cuja comissão pertence um próprio lesado.

João José dos Santos, Manuel Reis e outros, depois de exprimirem o seu parecer sobre a situação confusa do pessoal eventual, exortam a que toda a classe se mantenha vigilante, sendo deliberado que a comissão que tem de ir entrevistar-se com o director faça parte também um camarada lesado: é nomeado o segundo daqueles camaradas que fizeram uso da palavra.

### A immoralidade de alguns pensionistas

Passando-se à segunda parte da ordem da noite, o presidente da direcção da U. F. V. apresenta um documento assinado por António Bento Duarte, João José dos Santos, Ventura da Costa Moreira, Joaquim Vicente e José de Sousa Teixeira, os quais se queixam de immoralidades cometidas por diversas pensionistas e que se encontram, portanto, incursos nos regulamentos da respectiva caixa. São as seguintes as referidas pensionistas: Carolina, viúva do falecido maquinista Júlio Augusto Felgueiras; Albertina Barros, viúva do fogueiro Joaquim Marques Junior; Maria de Jesus Lima, viúva do funileiro das oficinas, José Ferreira da Silva; Maria de Jesus, filha do falecido António Ferreira, servente dos armazéns gerais; Emília da Silva, viúva do guarda Gabriel Marques; Inês Rosa Lima, filha do aguilheiro Lima; Marcelina Pereira, viúva do guarda rondista Moreira.

Testemunham tais immoralidades: Luís Rodrigues Teixeira, maquinista da tracção, e Francisco Magalhães, fogueiro no activo; Manuel Mendes Junior, serralheiro das oficinas; Manuel de Sousa Pinto, furador aposentado, e Manuel da Silva, sub-inspector do material circulante, aposentado; Manuel Rodrigues Ferreira, carregador aposentado; Manuel Mendes Junior, serralheiro, e Salvador Augusto, guarda; Manuel de Oliveira, ferramenteiro aposentado das oficinas, e Alberto Carlos Araújo Mota, carregador de Campanha; Luís Monteiro Rafael, maquinista aposentado, e Manuel Sousa Pinto; António Fernandes, revisor aposentado de material, José Ribeiro da Silva, serrador aposentado das oficinas, e José Ribeiro da Silva, serrador das oficinas—respectivamente testemunham contra as pessoas mencionadas desde a 1.ª à 7.ª.

Sobre tal documento falam, entre outros, Carlos de Sousa Monteiro e Carlos Guimarães, afirmando que se é baixo o papel de delator, neste caso quem assim procede cumpre um alto dever de moralidade, tanto mais que, mercê daquelas criaturas que não sabem honrar a memória daqueles que lhes legaram as pensões, há pensionistas honestas, que soírem a falta de pagamento pelo capital ser absorvido por quem não tem direito devido ao seu incorrecto procedimento.

E' resolvido que o documento seja enviado à delegação da Caixa.

### A desilusão da comissão que foi a Lisboa

Carlos de Sousa Monteiro, ao dar conta da missão que foi desempenhar a Lisboa, declara que, ao ser ali chamado pela administração geral, supunha ir colaborar no decreto da reorganização. Tal não se deu, porém: apenas foi receber um mero recado para que as reclamações fossem baseadas na lei 1899, do tempo da monarquia e que não comportassem aumento de despesa. Ficaram de lhe dirigir um exemplar da reorganização. Logo que o recebeu, convocará, por serviços, a classe a reunir, a fim de apresentar as necessárias emendas.

António Bento Duarte apresenta também um projecto de regulamento para a constituição de um Montepio do Minho e Douro, fazendo, a propósito, várias considerações.

Depois de José da Silva, Miguel Moura e Adriano Monteiro exporem a sua opinião sobre o assunto, fica assente realizar-se nova assembleia para o projecto ser discutido na especialidade.—C.

## PROPAGANDA SINDICAL

### Na U. S. O. de Portimão

PORTIMÃO, 6.—Na passada terça-feira realizou-se, a convite da U. S. O., uma sessão de preparação para o comício que se deve realizar amanhã.

Preside Valongo, secretariado Lino e Eloi. O presidente expôs à assistência o fim da mesma e dá a palavra a Raúl Duarte, da U. S. O., que se refere a um manifesto há pouco lançado à rua o qual diz serem falsas todas as notícias referentes a esta cidade, publicou A Batalha do dia 31 de Dezembro. Toma a responsabilidade de três dessas pequenas notícias, provando pela sua leitura à assistência serem elas verdadeiras; quanto à outra, não toma responsabilidade porque não a escreveu. Em seguida entra na matéria para que foi convocada a reunião demonstrando com farta argumentação a não existência da crise, mas sim o propósito de esmagar o operariado pela fome.

João Pires também se refere ao manifesto expondo o procedimento de semelhantes indivíduos que se servem da calúnia para enlamearem quem tem mais moral que eles. Analisa a crise de trabalho, não achando motivo para tal, porque segundo o inquérito de A Batalha e o que vemos, está demonstrada a não razão da sua existência.

Fala Buizel, que diz ter que referir-se com mágoa e nojo a um papelucho infame de que os seus inimigos se serviram para o desmoralizarem, o que não conseguem. Refere-se ao movimento de 1918, relembrando à assistência factos passados que pulverizam por completo todas as calúnias contidas em tal manifesto. Sobre a crise diz não haver razão de existir, expropiando-se em considerações que demonstram à assistência a nenhuma razão de existir a crise.

Manuel Viegas Carrascalão, delegado da Federação das Juventudes Sindicatas, num vibrante discurso escarpado a sociedade actual, apelando para que os operários tragam as suas companheiras ao sindicato, aonde adquirirão conhecimentos. Explica qual a missão que a juventude tem a desempenhar no futuro, e aconselha os jovens a reorganizarem o Núcleo de Portimão.

Fala Augusto Lázaro que diz ter sido ele quem escreveu a notícia a que o manifesto se refere, tomando a inteira responsabilidade do que escreveu.

Depois de algumas considerações do presidente é encerrada a sessão.—C.

### Uma sessão em Santarem

SANTAREM, 6.—No Oratório Operário realizou-se no domingo, 8, pelas 20 horas, uma sessão de propaganda sindical em que usará da palavra o nosso camarada Manuel da Silva Campos.

## EM SANTAREM

### O descanso dominical

Os caixeiros estão indignados com uma deliberação da Associação Comercial

SANTAREM, 6.—Lavra grande indignação no meio dos empregados do comércio pela forma ilegítima como a Associação Comercial respondeu à Câmara em nome do patronato comercial desta cidade. A associação fez, deslealmente, uma única convocação de assembleia geral para deliberar sobre o descanso dominical. Nessa assembleia em que só poderiam manifestar-se e votar os socios daquela associação coartou-se o direito de pronunciar-se ao grande número de comerciantes não socios. Por outro lado incorre-se na mais manifesta ilegitimidade. A associação comercial jamais se pode julgar a representante do patronato, visto que os seus associados se compõem de comerciantes, empregados de escritório, bancários, etc. No dia 4, dia em que se efectuou a assembleia da associação comercial, tiveram colaboração numa votação em que se decidia o magno assunto de interesse restrito ao patronato, os empregados bancários, de escritório e outros que não são patrões. Bem sei, e com essa prova de solidariedade se rejubila o sindicato dos caixeiros, que os referidos não patrões votaram a favor dos caixeiros como alguns patrões que não constituíram maioria, por poucos votos. Mas admitimos a hipótese de que os poucos patrões que venceram contra o domingo se haviam desinteressado, como sucedeu com muitos que assinaram o questionário da Associação dos Empregados no Comércio.

Então teríamos o descanso dominical votado pelos próprios empregados dentro da Associação dos patrões! Onde está, neste caso, assim como na forma porque usaram decidir, a legalidade da associação, como representante do patronato?

A deliberação da Associação Comercial constitui um absurdo que não se pode tolerar, e que revela inconsciência da parte de muitos patrões.

Sobre os factos narrados e defendendo o descanso dominical vão os caixeiros editar um manifesto em que se verberará a atitude da Associação Comercial.

Está-se a elaborar uma estatística que habilita a Câmara a regulamentar o descanso ao domingo. As respostas individuais são assás favoráveis aos caixeiros. A direcção do sindicato irá brevemente a Lisboa para entregar ao ministro do Trabalho, a sua representação pró-descanso dominical no país, secundando assim o movimento da Junta Sul.—C.

### Castro Simões

RELOJOEIRO

RUA DO CAPELÃO, 40, 2.º D.

## Crise de trabalho e baixa de salários

### Uma sessão em Aldeia Nova de São Bento

ALDEIA NOVA DE SÃO BENTO, 6.—Realizou-se anteontem na sede da Associação dos Trabalhadores mais uma sessão com a presença de dois delegados da C. G. T. e F. N. dos T. R.

Quaresma, que preside, diz estar a crise de trabalho um pouco atenuada, o que muito se deve à associação; exorta a filiarem-se nela os que ainda não são socios.

Candeira, da Federação, ataca os detentores da terra e a religião católica e aconselha todos os trabalhadores a sindicarem-se.

Jerónimo de Sousa, da C. G. T., estranha que os operários de outras indústrias ainda não tenham sentido necessidade de se organizarem. Ataca as «fórcas-vivas» e diz que se todos os trabalhadores se não organizarem revolucionariamente mal seguras estarão as suas regalias.

Volta a falar Quaresma, dizendo não deverem os trabalhadores fazer reclamações isoladamente, que só aos patrões convém, devendo fazer as colectivamente por ser mais moral.

Foi aprovada por aclamação uma moção que analisando a situação actual conclui por:

Reclamar do governo medidas tendentes a obrigar os lavradores a cultivarem as terras, e protestar contra os intentos das «fórcas-vivas» organizando-se revolucionariamente para se opor às suas pretensões de tomarem conta do poder e fazer a preparação necessária para que um governo de camponeses e operários tome posse do poder político e económico.—E.

### Em Marinha Grande

Vão encerrar os trabalhos nas Matas Nacionais

MARINHA GRANDE, 5.—Fomos informados que os vidreiros correm o risco de irem novamente para a crise de trabalho em vista de a verba que as Matas Nacionais tinham para os seus trabalhos estar esgotada.

Para informar os leitores do que há procuramos alguém que nos pudesse elucidar, dirigindo-nos para o local onde os vidreiros estão procedendo a terraplanagens.

Aproximamo-nos, e uma cara conhecida se nos depara: Eulálio Alves, presidente da Associação dos Cristaleiros.

—Então sempre paramos os trabalhos nas matas?—fizemos.

—É verdade, visto que as matas lutam com falta de verba. Trabalhavam aqui cerca de 150 camaradas, o que já era alguma coisa, mas a maior parte deles já recebeu a comunicação de que a partir de sábado, 7, lhes não poderá ser dado mais trabalho.

—Mas o governo não vai atender o pedido dos operários em crise?

—Pura mentira! O governo segue, como os outros, o seu papel de «empata» e não se importa com a situação dos operários em crise.

—O engenheiro seviculor sr. Arala Pinto—continua a nosso entrevistado—acaba de chegar da capital desolado com o resultado das suas «démarches», pois o ministro da Agricultura não o atendeu no seu pedido, que era a concessão duma verba para construção da linha férrea até São Pedro de Muel, onde se empregariam quasi todos os operários.

—De maneira...

—Não há apelo nem agravo, vamos todos novamente para o inólar. E o governo, dando-se ares de grande, diz aos jornais que a crise vidreira está solucionada!

—Digam nas colunas do jornal que representam, que é mentira! Há na Marinha Grande muita fome, e se não se acreditam corram toda a mole que daqui se avista e interroguem-na.

E, com efeito, é unânime a opinião de todos os trabalhadores.

Agora é Joaquim Freitas Nobre, que há pouco foi a Lisboa em comissão, que vai falar.

—Estou sujeito, depois de 40 anos de trabalho exaustivo à boca dos fornos, a viver nesta miséria. E tudo assim; os governantes não se importam com os trabalhadores, o que querem é festança.

—O pendúlimo dia de trabalho que temos, segundo as ordens do engenheiro sr. Arala Pinto.

—Amanhã reunem novamente os delegados das Associações para tratar deste caso e pedirem ao governo providências. Os poucos que estavam empregados vamos também para a crise novamente!

—E, encostado à pá, continua:

—«Já não creio em governos, nem em políticos, agora só tenho fé na C. G. T., organização sindicalista que há de libertar os trabalhadores da tutela que os oprime!»

—Pena é—prosegue—que a mocidade, encare tam indiferentemente o problema social...

E afastamo-nos reconfortados com aquelas palavras de revolta e ao mesmo tempo vergados ao peso desse desespero justo, por vermos que o governo olha tam indiferentemente a solução da crise dos operários vidreiros.

Era tempo de cessarem as promessas dos governantes aqueles seres explorados como nós, e igualmente vítimas das manigâncias das «fórcas-vivas».—C.

### Prevenção aos pescadores

Recebemos o seguinte comunicado:

«O Sindicato dos Pescadores de Peniche avisa todos os pescadores do norte e sul do país, que não devem procurar colocação nas armazéns e tranças desta localidade, visto não só existir já grande número de desempregados como ainda estar breve a luta entre este Sindicato e os proprietários das armazéns, por causa das novas matrículas.»

### O operariado de Faro prepara uma grande manifestação de protesto

FARO, 2.—Sob a presidência de Joaquim Brás, realizou-se no dia 30 uma sessão pública, promovida pela U. S. O. O presidente abre a sessão e procede à leitura do expediente que conta de credenciais acreditando os delegados dos seguintes organismos: Associação dos Manufactores de Calçado, Corticeiros, Marítimos e Núcleo da Juventude Sindicalista.

Bernardo da Luz Morgado, dos marítimos, diz ser a sua classe uma das que mais têm sofrido a crise de trabalho; no entanto ainda não se verificou a baixa de salário, excepto na especialidade de barqueiros, e se isso se deu é porque eles não estão organizados.

Termina fazendo um apelo para que todos ingressem imediatamente nos seus sindicatos.

Paulo Sequeira, do Sindicato dos Corticeiros, diz que já um industrial corticeiro pretende reduzir 15 por cento nos salários o que a sua classe repudiou, por isso estão sujeitos a um movimento de resistência o que deverá ser secundado por todas as outras classes.

Manuel Rodrigues Cassapo, aconselha todos os trabalhadores a agirem energeticamente.

Francisco Xavier Pereira Júnior apresenta uma moção que foi aprovada por aclamação, e que tem as conclusões que seguem:

1.º Dar todo o apoio à C. G. T.

2.º Manter correspondência com todos os organismos operários na provincia, a fim de se manter a máxima solidariedade nesta luta.

3.º Levar à prática o mais breve possível um comício com a representação da C. G. T. e todos os sindicatos da provincia. Falarão ainda Manuel Madeira, Manuel Rodrigues da Silva, etc., terminando a sessão aos vivos à C. G. T., à Batalha, etc.—C.

### Em Faro

O movimento contra a baixa de salários na casa Pekin

FARO, 6.—Na passada terça-feira reuniram os operários corticeiros para apreciar a marcha do movimento de resistência contra a baixa de salários levada a efeito pela casa Pekin. Depois de alguns operários usarem da palavra condenando a atitude dos industriais, pois que estes quando as libras chegaram a 180 escudos, nunca se lembraram dos operários, agora que os lucros são inferiores pretendem reduzir os salários dos operários como se estes já estivessem ricos.

Depois de devidamente apreciado o movimento, verificou-se que de 70 operários que existiam à data da greve, apenas quatro foram atraídos os seus camaradas, sendo três mulheres e um homem.

Foi nomeada uma comissão para instar com aqueles operários para que abandonem o trabalho.—C.

### Na Associação dos Caixeiros

O conflito com os alunos dos cursos daquele sindicato

Dos alunos das aulas que funcionam na Associação dos Caixeiros de Lisboa recebemos, com o pedido de publicação, a declaração que segue:

Os alunos das aulas de instrução primária, comércio, português e francês, socios da Associação dos Caixeiros de Lisboa, declaram que, de facto, abandonaram as respectivas aulas, não estando por isso arrependidos, devido à demissão de um empregado da Associação, o nosso camarada António Alves, que reputam de injusta e despótica, tendo razões de peso para se acharem descontentes com os actuais corpos directivos, pela maneira como têm sido tratados pelos mesmos, pois alunos há que têm vindo sido encolvaçados e até agredidos, estando de pleno acordo na convocação da assembleia geral—os que são maiores de 18 anos e que por isso podem participar da dita assembleia—conforme nota publicada em A Batalha de 6 do corrente, achando extraordinário que só agora a direcção venha falar na assembleia geral, quando a mesma devia ter sido convocada em Dezembro do passado ano e em Janeiro p. p., não só para a nomeação dos novos corpos gerentes, como para a leitura do relatório e contas.

Lisboa, 6 de Fevereiro, de 1925.

(Seguem as assinaturas de 45 alunos).

### Aos coleccionadores de o Suplemento "A Batalha"

Prevínem-se os coleccionadores de o suplemento semanal de A Batalha que se está preparando umas capas artísticas e um índice que veio melhorar consideravelmente esta preciosa edição.

Aqueles que desejem adquirir as referidas capas e índice, devem desde já fazer as suas requisições, a fim de se poder regular a tiragem.

Brevemente haverá também colecções de 1.º ano para a venda, formando um volume de cerca de 400 páginas, optimamente encadernado em percalina, com um índice de todas as matérias contidas, para fácil consulta das centenas de fórmulas e receitas, e de variadíssima colaboração com centenas de gravuras.

## MOVIMENTO JUVENIL

### Uma sessão de propaganda em Silves

SILVES, 6.—Realizou-se no dia 2 do corrente, nesta localidade, uma sessão de propaganda juvenil com a presença do secretário geral da Federação das Juventudes Sindicatas.

Presidiu Joaquim Correia, que foi secretariado por Aarão Rocha e Francisco Vilhena Correia.

Usa em primeiro lugar da palavra José dos Reis, representando o Núcleo da localidade, que faz um cerrado ataque à pretensão ditadura da União dos Interesses Económicos, incitando o operariado a preparar-se para a defesa.

António Baptista, também do mesmo organismo, aponta o sofrimento do operariado na sociedade actual, confrontando a situação do operário produtor de toda a riqueza social e a do capitalista esbanjador do produto de tantos anos de sacrificio.

Domingos Passarinho, corticeiro, ocupa-se dos propósitos da burguesia, citando o jantar de confraternização realizado no teatro desta localidade, no dia 31 do passado mês, gesto que foi mais uma provocação aos trabalhadores principalmente aos atingidos pela «chômage».

Termina aconselhando o operariado a não colaborar com os seus verdugos, não indo votar nas próximas eleições.

Manuel Viegas Carrascalão, pela Federação das Juventudes Sindicatas, diz que os salários nas provincias são muito diminutos enquanto os generos indispensáveis à vida estão muito mais caros do que em Lisboa.

Referindo-se aos acontecimentos de 22 de Junho, estranha que o operariado de Silves não expulssasse já o assassino de suas famílias.

Apela para a mocidade, aconselhando-a a não ingressar nas fileiras do exercito, afirmando que este é o principal defensor do Capital.

Fala também no jantar de confraternização que a burguesia arranjou no teatro, enquanto pela cidade há tanta miséria, como elle orador teve ocasião de observar. Lamenta que os operários da construção civil consentissem que a Câmara lhes baixasse 2500 diários, devendo os operários de futuro resistirem por todas as formas à baixa de salários.

A seguir explica qual é a missão das Juventudes na educação dos homens do Amanhã.

Foi depois encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo e aos vivos à Federação das J. S.—E.

### Os tanoeiros de Gaia em greve

VILA NOVA DE GAIA, 6.—Reuniu em sessão magna a classe dos tanoeiros para apreciar a greve da casa Semit, verificando que a paralisação é geral, estando todos os camaradas animados e dispostos a continuar na luta até à conquista total das suas reclamações que é o trabalho por dia, respeitando assim uma das indicações da Federação de Indústria, ou seja a terminação do trabalho por empreitadas. Fizem uso da palavra varios camaradas, entre eles o delegado da Federação que se encontra no Norte, que condenaram o movimento que as «fórcas vivas» estão preparando para levar a efeito a fim de se apoderarem do poder para melhor nos angustiar, e retirarem as nossas poucas regalias, sendo por fim aprovada uma moção de protesto contra tal movimento e dando fôdo o apoio à C. G. T. em qualquer movimento que seja levado à prática nesse sentido.—E.

## FESTAS ASSOCIATIVAS

### A do aniversário do Sindicato dos Descarregadores de Almada

O Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada comemora hoje o 4.º aniversário, convidando por esse motivo o povo trabalhador do coucelho de Almada a assistir a uma sessão de propaganda que se realiza pelas 14 horas, na sua sede, rua Direita do Caramujo, 8, 1.º, na qual usará da palavra delegados da C. G. T., Federações de Indústria e de vários sindicatos.

Espera a direcção deste organismo que todos os trabalhadores acudam em massa à dita sessão, emprestando-lhe aquela importância tão necessária em sessões desta natureza.

### No salão da Construção Civil

Um novo espectáculo com entrada livre

Prosseguem hoje no Salão de Festas da Construção Civil, as festas de solidariedade em favor das reparações a fazer na sede que, devido aos últimos melhoramentos, se está tornando uma das melhores de Lisboa.

Às 21 horas, efectuar-se-há um «certamen» de fados em que tomam parte os melhores cultores dessa canção, com variações de fados por três distintos guitarristas.

### Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

## CONSULTAS NO PORTO

Amanhã, às 21,30 horas, o dr. Campos Lima dá as suas costumadas consultas jurídicas na sede da U. S. O. do Porto a todos os operários que o necessitem e que apresentem a sua caderneta confederal em dia.

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

**Descarregadores do Porto de Lisboa.**—Reuniu a assembleia geral, a qual se ocupou da invasão de atribuições por parte dos descarregadores de mar e terra nos trabalhos pertencentes a esta especialidade, e da solução do caso da firma Melo do Rego.

Como a Federação Marítima, por intermédio do secretariado, não tivesse resolvido o assunto a salvaguarda dos legítimos direitos desta classe, depois de ter convidado a direcção deste organismo, ficou resolvido não acatar as deliberações tomadas e de futuro executar todos os serviços que digam respeito a esta especialidade.

Aprecio o pedido de demissão do delegado efectivo, não o aceitando e reiterando-lhe toda a confiança.

**Sindicato dos Profissionais da Imprensa.**—A direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa reuniu ontem, tendo tratado, entre outros assuntos de expediente, da admissão de novos socios e concessão de «Carteiras de Identidade».

A direcção tomou conhecimento de que fora deferido pelo presidente do ministério o pedido da concessão de porte de arma, para os profissionais da imprensa, priviligio que estes anteriormente gosaram, atendendo ao arriscado das missões de que por vezes são incumbidos.

A direcção do Sindicato foi colectivamente agradecer ao dr. sr. José Domingues dos Santos essa importante regalia, cuja concessão deve ser por estes dias publicada na folha oficial.

Também colectivamente a direcção do Sindicato se avistou com o presidente do Conselho de Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. Tomé de Barros Queiroz, a quem solicitou o seu valioso patrocínio para o pedido de facilidades a conceder por essa Companhia aos profissionais da Imprensa.

A direcção ficou muito bem impressionada com o resultado da conferência que teve com o sr. Barros Queiroz.

A direcção do Sindicato registou ainda a concessão feita pela Direcção Geral do Congresso da República, que resolveu dar livre-trânsito, no edificio do Parlamento, aos profissionais da imprensa, munidos da respectiva «Carteira de Identidade», quando na mesma «Carteira» for transcrita e autenticada a ordem que tal precueite.

### CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

**Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.**—Pelas 13 horas, os contramestres, conjuntamente com a comissão administrativa.

**Pintores de Construção Naval e Anexos.**—Pelas 14 horas, em assembleia geral na sede da associação, Travessa do Oleiro, n.º 13, para apreciação da reforma dos estatutos e regulamento interno e outros assuntos de interesse para a classe.

**PARA DIAS PRÓXIMOS:**

**Federação da Construção Civil.**—Para resolver assuntos de grande importância e reconhecida urgência, reúne amanhã, pelas 20 horas, o Conselho Federal.

**Compositores Tipográficos.**—Na terça-feira, pelas 16 horas, a comissão revisora das contas do movimento dos jornais de 1920.

**Impressores Tipográficos.**—A direcção, às 21 horas, amanhã.

**S. U. da Construção Civil.**—Comissão Escolar.—Para se tratar de assuntos que se prendem com o funcionamento da escola, bem como para tratar de assuntos que necessitam imediata solução, deve reunir a comissão escolar na próxima terça-feira, pelas 20 horas.

**S. Unico Metalúrgico.**—Conselho Técnico de Melhoramentos.—A comissão executiva reúne amanhã, pelas 20 horas, extraordinariamente, para tratar dum assunto de importância.

**Manufactores de Calçado.**—Amanhã a com. adm. para apreciar um officio da C. G. T. e tomar resoluções sobre vários trabalhos.

**Manipuladores de Pão.**—Reúne a direcção e a comissão de melhoramentos com os cobradores amanhã, pelas 14 horas.

**JUVENITUDES SINDICALISTAS**

**Núcleo de Lisboa.**—Reúne na próxima quarta-feira, pelas 21 horas, a assembleia geral.

**Secção Metalúrgica.</**